

Liberdade sem alforria

O capitão-do-mato abaixou-se lentamente para analisar um possível rastro deixado pelo escravo fugido. Sabia que não encontraria nada ali, mas precisava manter os seus homens longe daquela trilha, ou seu amigo Fortunato seria encontrado. Olhou em volta e, percebendo que ninguém observava-o disse, em voz alta:

– Passaram por aqui e seguiram ladeira abaixo – o homem apontava a direção.
– Gregório, desça com os homens! Eu vou voltar um pouco para ver se deixaram mais de um rastro para trás.

O homem negro obedeceu e desceu com dois outros membros do grupo. O capitão-do-mato esperou até que ficassem a uma certa distância e virou-se para voltar pelo caminho que vieram. Deu vários passos e começou a assoviar, imitando um tiziu. De repente, outro assobio ouviu-se próximo dali e ele apertou o passo. Entrou numa mata mais densa e, com o auxílio de um facão afiado, chegou numa clareira. Um homem negro, magro e alto escondia-se por trás de uma folhagem.

– Irmão, estou aqui – disse o escravo fugido.

– Fortunato, você perdeu a cabeça?! – exclamou Antônio, o capitão-do-mato, visivelmente irritado. Era mulato e conseguiu sua liberdade ainda criança através do pai, que era branco – O patrão está furioso com você! Não sei se desta vez você escapa do tronco, negrinho!

– Fugi, sim, Antônio – sussurrou o rapaz, como se alguém mais pudesse ouvir a conversa. Foi saindo da folhagem devagar e continuou:

– Estou cansado dessa vida, irmão. Quando eu era moleque, brincava com ela todos os dias, corria pelo casarão e até já sentei na mesa com o patrão. Foi só eu virar moço que ele me jogou na senzala.

– Isso não é verdade, Fortunato, você sabe. Ele viu que vocês dois estavam começando a ficar diferentes um com o outro. Você acha mesmo que o patrão ia deixar você ficar com a menina dele? Um negro escravo? Ela está na idade para casar e logo vai aparecer um marido rico querendo ela.

– É por isso mesmo que eu fugi. Eu não quero ver ela com um branco rico. Prefiro morrer! Ela é a coisa mais preciosa que eu tenho, a minha Mariana.

– Ela está muito preocupada com você, mas nem pode sair de casa. O patrão tem medo de você roubar ela ou a menina fugir.

– Ajuda ela a fugir, Antônio – bradou Fortunato, subitamente. Um brilho apareceu em seus olhos. – Ajuda a ela a fugir comigo. Você é meu amigo. Me ajude, por favor!

Uma agonia apossou-se do capitão-do-mato. Lembrou-se do tempo em que brincavam juntos, ele, Fortunato e Mariana. Corriam pelo casarão com as serviçais esbravejando o tempo todo, por conta da algazarra. Fugiam sempre para tomar banho no rio, escondidos. O patrão não se importava pelo fato de serem apenas crianças brincando e, como a fazenda era muito longe da Cidade Mariana, a menina quase não via outras crianças.

– Agora você perdeu o juízo de vez, Fortunato. Mesmo se eu quisesse, como eu ia fazer isso? Sabe que o capataz do patrão tem mais de dez capangas tomando conta da fazenda. Eu não consigo nem entrar mais na casa dele agora por causa de você. Eu vim atrás de você porque a menina Mariana implorou para o pai. Se não fosse eu, teria vindo o João Amâncio. Você sabe o que ele faz com os escravos fugidos.

– Eu só queria minha liberdade com ela, Antônio – suspirou o escravo. Quando ia abrir a boca para dizer outra coisa, um som de galhos sendo quebrados interrompeu-o. Virou-se para o capitão-do-mato com um olhar de surpresa.

Antônio deu de ombros e ambos ficaram imóveis esperando o que vinha a seguir. “Deve ser um bicho qualquer”, pensou o mulato. Sua suspeita não se confirmou pois um grupo de homens armados irrompeu do meio do matagal em sua direção. Fortunato disparou em fuga, seguido do amigo de infância. Os disparos começaram e os dois passaram a correr abaixados.

– É o José Amâncio e os homens dele! – Antônio gritou para o amigo, ofegante. Fortunato tentou saber o motivo de outro capitão-do-mato estar em seu encalço.

– O que ele está fazendo aqui? Porquê o patrão mandou ele também?

O homem mulato não respondeu, mas suspeitava do motivo: seu patrão não queria o amigo de volta na fazenda. Pelo menos, não vivo.

Os disparos continuavam. De repente, Antônio ouviu o escravo caindo atrás de si. Voltou-se, assustado. Sangue no chão. Fortunato fora atingido.

– Fortunato, não! Levanta, negrinho, levanta! Eles vão pegar você!

– Minhas costas, Antônio! Minhas costas ardem!

O capitão-do-mato virou o amigo nos braços e viu de onde jorrava todo aquele sangue. O escravo tinha um buraco no meio da espinha.

– Fortunato, você precisa levantar, por favor!

– Antônio, eu queria muito a minha carta de alforria – disse o escravo fugido, gemendo –. Queria minha liberdade. Queria que a minha Mariana me visse livre e tivesse orgulho de mim. Agora eu vou morrer, aqui, no meio do mato, sem ela.

– Pare com essa bobagem, negrinho! Vou te levar de volta para a fazenda. O velho Sebastião vai cuidar de você.

O sangue não parava de inundar o chão aos pés do mulato. Naquele momento, Antônio viu que não havia esperanças para o amigo.

– Eu pensei que só a morte ia me libertar, Antônio. Mas eu consegui minha liberdade, minha liberdade sem alforria, no dia que conheci a minha Mariana.

José Amâncio e seus homens alcançaram-nos. Antônio deitou o corpo do amigo no chão e levantou-se com as mãos para cima. Um tiziu assobiou ali perto, como se dissesse adeus para o escravo, finalmente liberto.